

Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por
qualquer processo à excepção de excertos para divulgação.
Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

OBRAS COMPLETAS DE

António Telmo

VOLUME IX

COORDENAÇÃO EDITORIAL | Maria Antónia Braia Vitorino,
António Carlos Carvalho e Pedro Martins

APOIO INSTITUCIONAL E CIENTÍFICO | Projecto António Telmo. Vida e Obra
www.antonio-telmo-vida-e-obra.webnode.pt

TÍTULO

A Aventura Maçónica e outros textos sobre a Arte Real

AUTOR

António Telmo

PREFÁCIO | Risoleta C. Pinto Pedro

ORGANIZAÇÃO E NOTAS | Pedro Martins

TRANSCRIÇÃO E REVISÃO | Diana Vaz Ribeiro, Pedro Martins e Alexandre Gabriel

EDITOR

Alexandre Gabriel

1ª EDIÇÃO: Junho de 2018

ISBN: 978-989-677-162-1

DEPÓSITO LEGAL: 442 437/18

IMPRESSÃO: Manuel Barbosa & Filhos

© 2018, Zéfiro



Zéfiro – Edições e Actividades Culturais, Lda.
Apartado 21 – 2711-953 Sintra – Portugal
EMAIL: zefiro@zefiro.pt



WWW.ZEFIRO.PT

ÍNDICE

Nota Editorial.....	11
Prefácio.....	13

CONGEMINAÇÕES DE UM NEOPITAGÓRICO

Introdução.....	67
Carta ao Pedro Sinde – Um dos Doze.....	69
Diálogos de Thomé e Nathan.....	83
Novos Diálogos de Hylas e Philonous.....	115
<i>Bellum Sine Bello</i>	129
Em Torno d’ <i>Os Lusíadas</i> e de Luís de Camões.....	147
De uma Conferência de 19-V-06 na Associação Agostinho da Silva.....	161
Manifestações Sensíveis do Divino.....	165
De um Caderno de Apontamentos.....	169
À Volta de Platão.....	201

A AVENTURA MAÇÓNICA – VIAGENS À VOLTA DE UM TAPETE

SEGUIDO DE AUTOBIOGRAFIA
E SOBRENATURAL EM LUÍS DE CAMÕES

Onde se revelam alguns segredos guardados n’Os Lusíadas

Nota Editorial.....	219
Explicação.....	221

PRIMEIRA PARTE

Pranchas Lidas em Loja por Nathan de Nathanael

GRAU DE APRENDIZ

A Fita Encarnada	227
Autobiografia Espiritual	231
O Ar não é Elemento	241
Sobre os Pontos Cardeais	245

GRAU DE COMPANHEIRO

A Prova do Espelho	251
Do Oito ao Nove	256
A Pedra Cúbica	261
As Sete Artes	263
O Ensino do que não se Ensina	266

GRAU DE MESTRE

Sobre a Prudência	273
Abdel Kader	277
A Pedra que se Põe de Lado	281
Sobre a Rainha Santa Isabel e a Maçonaria	286
Sobre a Saudade	290
O Pensamento em Rimas	292

SEGUNDA PARTE

*Onde se Revelam Alguns
Segredos Guardados n'Os Lusíadas*

AUTOBIOGRAFIA E SOBRENATURAL
EM LUÍS DE CAMÕES

Introdução	305
Primeira Tarde	309

O Messianismo de Camões	319
Segunda Tarde.....	326
Terceira Tarde	335
Quarta Tarde.....	342
Apontamentos colhidos no comentário às rimas de Camões pelo seu maior hermeneuta	346
Comentário ao que Manuel de Faria e Sousa nos diz, no início destes apontamentos, sobre os modos de poetar e de interpretar os poetas.....	354
Quinta Tarde	355
Sexta Tarde.....	360
Sétima Tarde	367

DISPERSOS E INÉDITOS

Uma Loja de São João

Entrada ou Intróito.....	385
1	389
Uma Loja de São João numa Igreja	391
Meditação Dos Símbolos	395
A Dupla Torre.....	399

Outros Textos

Apresentação a Oriente de Estremoz de uma Revista Literária.....	403
Novos Diálogos de Hylas e Philonous	408
O Sagrado na Arquitectura.....	419
Uma Prancha do Grau de Aprendiz.....	421
Dos Símbolos.....	425
Do Segredo	427

II

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

(Carta a António Telmo)

Junho de 2003

Prezado António Telmo,

Acabei de ler *A Cabra*, no sétimo número dos *Teoremas de Filosofia*, e, confesso-lhe, que esse seu texto me interpela a escrever-lhe esta carta, para tratar consigo algumas das questões que aí levanta e que, como o Telmo sabe, são do meu particular interesse.

O seu texto está centrado em três questões: primeiro, a proposta que faz da leitura dos desenhos de Teixeira de Pascoaes, a propósito do aparecimento do álbum da Assírio & Alvim, posfaciado por Bernardo Pinto de Almeida; segundo, a interpretação que nos dá do surrealismo em geral e do surrealismo português em particular; terceiro, a relação de Mário Cesariny com a Filosofia Portuguesa.

Não me desviarei do sentido do seu texto se o organizar resumidamente, segundo as seguintes linhas de força: os desenhos de Pascoaes são as impurezas residuais do seu texto poético e podem, por isso, ser ligados ao surrealismo, já que este movimento é, como adianta o décimo parágrafo do seu texto, o mundo subliminal, de baixo astral, onde pululam e se arrastam os espectros psíquicos, as almas condenadas. Partindo deste raciocínio, para si falso, Teixeira de Pascoaes nada teria a ver com o movimento da Filosofia Portuguesa ou, para usar a sua metáfora tauromáquica, estaria prestes a ser *corrido*, quer dizer, academizado e banalizado.

Eis, no essencial, o conjunto das suas teses. A sua leitura dos desenhos de Pascoaes não me repugna e posso subscrevê-la, desde que seja possível reconstituir toda a obra do poeta a partir desses resíduos estratificados, ao modo de Cuvier reconstituindo um animal a partir dum osso ou de Goethe uma catedral a partir duma janela.

Ainda assim, julgo que o António Telmo exagera o lado sombrio dos desenhos, descuidando a necessária exegese da sombra e da escuridão na obra geral de Pascoaes. Entre o traço nocturno e espectral dos desenhos e o *verbo escuro* de Pascoaes existem muito mais afinidades do que aquelas que o seu texto deixa suspeitar. O António Telmo sabe tão bem como eu que a noite e a escuridão querem dizer, em Pascoaes, um outro dia e uma outra luz, ainda mais intensos e luminosos que aqueles a que estamos vulgarmente habituados.

Parece-me, por isso, despropositadamente severo o seu juízo do *mau e inquietante*, com que castiga o traço escuro de Pascoaes.

Assim como assim, o centro da minha discordância para com o seu texto não é aqui que se situa. Posso, como lhe disse, subscrever a sua visão dos desenhos de Pascoaes e ressinto apenas o seu exagero judicativo, ou o seu esquecimento exegético, quando fala de um Pascoaes bruxo e obscuro. A divergência está na questão do surrealismo; é ela que mais problemas me causa, pois eu próprio, não há muito tempo, o liguei a si, Telmo, ao surrealismo português, vendo nos seus livros o trabalho de um pensador surrealista. Já vê que a minha responsabilidade neste capítulo é alguma, até diante de si, e precisa de uma justificação.

Estamos de acordo que a palavra portuguesa *surrealismo* em boa tradução se deveria dizer *sobrealismo* ou *sobre-realismo*. Não podemos, tal como a palavra acabou por ficar na língua, é forçar o seu sentido de modo a lê-la *subrealismo* ou *sub-realismo*. Essa torção não está nem no original, nem na adaptação portuguesa. É um golpe de força do António Telmo. Surrealismo é um híbrido na forma portuguesa, que mantém, todavia, o seu sentido original de *sobre-realismo*. O prefixo francês *sur* não pode nunca ser traduzido pelo português *sub*, que na língua de Hugo e Rimbaud se diz *sous*.

Os manifestos do movimento publicados por André Breton, os textos narrativos em prosa deste mesmo autor, a sua poesia em verso, apontam sempre para um movimento preocupado em alcançar as vastas



regiões espirituais do maravilhoso e, de modo nenhum, em fomentar as baixas atmosferas viciantes.

É natural que um movimento que deixou a matéria e a sua aparência física para se interessar pela fluidez da alma e do seu mundo invisível tenha tropeçado em participantes que não souberam sair do estado subliminal da sua procura. É demasiado fácil encontrar argonautas menores que embateram nos primeiros degraus dos fogos-fátuos psíquicos e por aí ficaram, iludidos e enganados. O que importa é que os bandeirantes da expedição surrealista, os que abriram os caminhos do movimento, cá dentro ou lá fora, sempre se preocuparam em distinguir os vários níveis e etapas do caminho. Repare que, os surrealistas portugueses, pela voz de Mário Cesariny, incomodados pelo equívoco, chegaram a criar dois termos para os dois planos psíquicos distintos. Assim, os *abjeccionistas*, que se ficariam pela abjecção das brasas infernais, e os surrealistas, que continuariam adiante, procurando, como Orfeu, a luz mais alta e pura dos sóis. Tanto nos abjeccionistas como nos surrealistas a experiência infernal é o ponto de partida da viagem da alma; só que os primeiros encaram a experiência do abandono do mundo racional e da descida aos infernos como um fim em si mesmo, enquanto que os segundos tomam esta descida como um meio ou um degrau da viagem da alma para o espírito.

Disto mesmo nos fala o seu livro de estreia, *Arte Poética*. Lembra-se, António Telmo? É o momento em que você recorre ao tema épico da descida aos infernos nos poetas clássicos e o actualiza com os poetas satânicos franceses, de matiz baudelairiana e simbolista. Nesta tradição de que o Telmo nos fala, e a que os surrealistas deram continuidade, a conquista da mais luz faz-se pelo abandono do mundo plano da razão e da rotina e pelo mergulho nas trevas. Se bem compreendi a sua *arte poética*, não pode haver maturidade humana vital sem a experiência perigosa que os heróis clássicos faziam do mundo inferior, não para lá ficarem vegetando, mas para vencerem o pavor da morte, regressarem mais sábios e ascenderem à luz olímpica dos sóis. Não se admire, pois, que eu tenha visto no seu livro de estreia, a obra dum lídimo e puro pensador do surreal.

Creio que o meu querido Amigo já percebeu a natureza do meu raciocínio e o domínio da minha divergência. O núcleo da questão está

no sentido a dar à palavra surrealismo. Eu penso que o António Telmo se precipitou e, talvez sem querer, distorceu a palavra, pondo nela o que nela não se encontra. Confundi afinal surrealismo com abjeccionismo. É preciso que leia ou releia, com disponibilidade e cuidado, os livros geniais de André Breton, em particular *Nadja* (1928), *O Amor Louco* (1934) e, acima de todos, *Arcano 17* (1945). Verá então, em todo o esplendor dum estilo ardente e superior, uma obra luminosa e visionária, que nada tem a ver com a atmosfera pútrida e baixa com que você quis definir o surrealismo.

Guardo para o fim a relação de Mário Cesariny com a Filosofia Portuguesa. Você considera-o, a par de António Maria Lisboa, poeta muito verdadeiro. Eu limito-me, para além ou para aquém de qualquer elogio, a considerar Mário Cesariny um extraordinário companheiro de viagem. Foi ele, ao lado de José Marinho, que há quarenta anos atrás, quando Pascoaes era tido como um poeta quase defunto, percebeu em Pascoaes um poeta bem mais importante para o futuro que Fernando Pessoa. Foi o primeiro, ainda com Marinho, a apontar os limites da obra e da personalidade de Fernando Pessoa. A minha leitura de Pascoaes é, assim, devedora de duas tradições anteriores, distintas na aparência: a da Filosofia Portuguesa, através de Marinho, e a do surrealismo português, através de Cesariny.

Só tenho a lamentar que estas duas tradições culturais não se tenham entendido no seu tempo próprio, tanto mais que descendiam ambas do saudosismo de Pascoaes. Foi um desperdício. O meu esforço é, por isso, com alguns anos de atraso, juntá-las, procurando-lhes as afinidades e as convergências, de modo a ter uma corrente farta e forte, capaz de marcar a cultura portuguesa do novo século. Em ambas vejo uma aventura séria do amor, do conhecimento e da liberdade.

Vi no seu trabalho de pensador solitário e grave uma das pontes possíveis entre os dois movimentos. É fácil encontrar isto no texto que dediquei ao António Telmo, chamado «O Filho de Orfeu», incluído no livro *António Telmo e as Gerações Novas* (Hugin, 2003). Custa-me muito que o Telmo venha agora, a propósito de Mário Cesariny, negar o surrealismo e a seriedade espiritual do seu propósito. Peço-lhe que compreenda a minha dor e não veja nela nada de egoísta.



Não quis abrir esta carta senão da forma como o fiz. Você um dia disse-me que a melhor maneira de atacar alguém é guardar os assaltos para depois dos elogios. Não segui a regra, porque a minha carta não contém ataques, mas apenas discordâncias pontuais. Posto isto, sinto-me à vontade, sem o risco de ser mal interpretado, de lhe dizer que tenho pelo seu trabalho o maior respeito e a maior admiração. Também o António Telmo tem sido para mim um extraordinário companheiro mais velho, que muito me tem ajudado a aligeirar a bagagem nesta difícil e tempestuosa viagem terrena.

Receba o abraço querido do seu

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

III

ENTREVISTA À REVISTA BRASILEIRA ENCONTRO, CONDUZIDA POR ÂNGELO MONTEIRO

Esta entrevista foi publicada na revista *Encontro*, da cidade de Pernambuco, onde quis Deus criar um grupo de filosofia em língua portuguesa que prolonga além-mar o espírito de Sampaio Bruno e Teixeira de Pascoaes. Damos apenas dois nomes: o grande poeta Ângelo Monteiro e o grande filósofo Olavo de Carvalho.

ENCONTRO – *Gostaria de uma interpretação mais detalhada, para os leitores brasileiros, de sua distinção entre filosofia especulativa, quando se trata da filosofia mesma, e filosofia operativa, ao referir-se à Arte e, nela, à poesia.*

ANTÓNIO TELMO – À data em que pus no meu primeiro livro esta distinção, parecia-me estéril o pensamento que se julgasse garantido pela sua própria actividade raciocinativa, separadamente de uma experiência fundada no conhecimento esotérico de nós próprios e, por conseguinte, do mundo e de Deus. Erradamente, adjectivei tal pensamento de especulativo, como se o conhecimento que de si próprio teve Narciso pudesse ter dispensado o espelho. Por operativo significava eu eficaz, capaz de nos curar da dor e de nos libertar do mal por uma espécie de encantamento, o qual eu diria transfigurante, depois de o ter ouvido a si em Évora. O encantamento é o que é próprio da poesia, que para tanto dispõe do ritmo e da imagem. O ritmo embala e adormece a alma. Ai daquele que no ritmo incorpora imagens contrárias aos impulsos do ser que se rendeu ao encanto por aspirar ao Bem e à Verdade.

